

Narcisismo, analidade e imagem fálica nas relações cotidianas

Carlos Marcírio Naumann Machado,¹ Porto Alegre

Este trabalho procura mostrar as contribuições de Béla Grunberger no território da analidade e da imagem fálica, registros ocultos que se relacionam de modo implícito à intersubjetividade. De acordo com o autor, o controle, o poder e o domínio pertencem a esta esfera. Ele considera que, para a criança pequena, o advento do estágio anal promove um avanço na independência, podendo então existir a reversão de sentimentos de inferioridade associados à dependência intrínseca vinculada à oralidade. Para Grunberger, na base dos movimentos pulsionais estaria o componente anal. Necessidades narcisistas, de superioridade, podem se converter em finalidades que ultrapassam a questão pulsional. Priorizar a relação de forças com o objeto estaria na base do caráter anal e, assim, também da imagem fálica. Esta última se relaciona a sentimentos de integridade e, para Grunberger, pode estar assentada sobre a castração dos objetos, em representações ilusórias de aumento de poder. A imagem fálica positiva expressaria plenitude, enquanto que a castração demonstraria o oposto. As inter-relações dialéticas entre valorização e desvalorização e aquisição de imagem fálica positiva ou negativa pertencem ao jogo entre controle e domínio (caracteres anais) e registros fálicos vinculados à castração. Breve comparação com Green é realizada. Ao final do trabalho, alguns cenários são ilustrados através de exemplos literários e cinematográficos.

Palavras-chave: Grunberger; narcisismo; analidade; imagem fálica; controle; domínio

¹ Psicólogo clínico. Membro aspirante graduado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

*“And the leaves fall, from red to brown
To be trodden down
To be trodden down”
(Beautiful, Marillion, 1995).²*

*“Al fin y al cabo, somos lo que hacemos para
cambiar lo que somos” (Eduardo Galeano,
1989).³*

Introdução

É comum, nas contingências da vida, que nos defrontemos com situações que envolvam litígios nas relações humanas. Pertence ao cotidiano essa condição. As disputas, veladas ou não, permeadas pelos mais variados sentimentos em múltiplas graduações, tais como raiva, inveja, ciúme, competição, controle e domínio, estão presentes nos momentos mais rotineiros e recorrentes do convívio. Embora fatores externos sejam gatilhos deflagradores de conflito, eles sempre vão existir, ou seja, a presença destes elementos constitui parte indissociável do viver e das mais diversas situações.

A proposta do presente estudo é examinar o tema em questão, fundamentalmente no que diz respeito ao controle e domínio nas relações humanas a partir de fatores internos. As contribuições realizadas por Béla Grunberger (1979) serão os eixos condutores dos aportes teóricos deste trabalho. Referido autor traz subsídios relevantes no momento em que associa, ao eixo do narcisismo, fenômenos referentes a poder, controle e domínio nas relações, os quais, através de outro olhar teórico, estariam contemplados somente através de uma dimensão pulsional. Em tópico ulterior, antecedendo as considerações finais, também será realizada uma breve comparação sobre o entendimento do narcisismo, entre os subsídios trazidos por Grunberger com aqueles advindos de André Green. Adianta-se que o narcisismo, fundamentalmente o narcisismo primário, é tratado por Grunberger como uma instância psíquica, regida pelo Ideal do ego, ao passo que Green o considera um estado, e não uma estrutura.

² “E as folhas caem, de vermelhas para marrons. Para serem pisadas, para serem pisadas” (Tradução livre).

³ “Ao fim e ao cabo, somos o que fazemos para mudar o que somos” (Tradução livre).

Para Grunberger (1979), há sempre uma interação, difícil de visualizar, entre os componentes narcisistas com os elementos pulsionais. Assim:

Detectamos assim, no tratamento analítico, a existência de duas correntes de essência diferente e de sentido oposto, mas ao ter o narcisismo necessidade para sua expressão de um suporte pulsional, fica difícil distinguir e verificar as manifestações imputáveis ao narcisismo e àquelas que provêm das pulsões propriamente ditas (p.164).⁴

Em Gruenberger, a interação destes conteúdos caracterológicos, alicerçados nos quesitos controle/domínio com a busca de um sentimento de onipotência e integridade, pode estar fundamentada sobre a castração dos objetos, em uma representação *ilusória* de aumento de poder do próprio sujeito. Esta representação ilusória de aumento do próprio poder serviria a dois senhores: à pulsão de domínio e, além disso, à uma necessidade narcísica de aumento da autoestima e de um pano de fundo existencial, algo sempre presente na vida humana, na qual as pulsões, além da finalidade precípua, sempre servem à busca de integridade e de um sentimento elacional.

Agora, o controle equivale a privar o objeto de sua autonomia; significa castrá-lo e esta castração do outro possui o valor da aquisição de um pênis no Inconsciente. Nesse estado, o pênis é concebido como único e “se tu não o tens, eu o tenho” (Grunberger, 1964, p. 199).⁵

Nascido na Hungria em 1903, Grunberger exerceu a psicanálise na Sociedade Psicanalítica de Paris, cidade onde faleceu em 2005, aos 102 anos de idade. O presente estudo está embasado na coletânea *El narcisismo*, tradução em língua espanhola (1979) feita a partir da edição francesa (*Le narcissisme*) da editora Payot, publicado em 1971. Contudo, para efeitos do que se pretende abordar neste trabalho, a discussão e a análise estarão centradas em dois capítulos da obra: *Estudio sobre la relacion anal-objetal* e *De la imagen falica*, publicados respectivamente em 1960 e 1964.

⁴ Tradução livre.

⁵ Tradução livre.

A analidade

Nos estudos citados acima, há uma pormenorização e um desenvolvimento metapsicológico dos achados clássicos de Freud (1908)⁶ e de Abraham (1921),⁷ nos quais é enfocada a vinculação da analidade com questões caracterológicas, tais como parcimônia, obstinação, controle, dinheiro, domínio.

Entendemos que esses aportes, antes de deslocar a teoria clássica das pulsões ao dizer que o narcisismo tem uma trajetória paralela e independente ao desenvolvimento pulsional, proporcionam uma ideia da complexidade inerente ao funcionamento do inconsciente.⁸ Essa ideia da dialética entre componente pulsional e componente narcísico aparece com clareza em Kohut (1984), em trabalho original publicado em 1966,⁹ embora esse autor não se dedique à vinculação da analidade com o narcisismo.

Para Grunberger, com o desenvolvimento da analidade, a dependência obrigatória do meio decresceria; dependência esta que é domínio da oralidade, ferida narcisista que a analidade permitiria colorir. Sujeição que, por pior que tenha sido suportada, passa a uma situação inversa, a qual se estrutura de maneira única em cada um de nós (Grunberger, 1960).

A base energética de todo movimento pulsional estaria no componente anal, e a criança deve integrá-lo no tempo apropriado para preparar os seus controles sucessivos, de acordo com modalidades cada vez mais evoluídas. Haveria, assim, um *status nascendi* da extensão do controle anal ao sistema muscular e aos objetos. É esta origem longínqua, do controle sobre o objeto excrementício, que deixaria obrigatória a existência de um componente anal na base das relações objetais. Assim, o objeto excrementício é, ao mesmo tempo, narcisista e objetal (Grunberger, 1960).

⁶ Neste clássico trabalho, encontra-se aventada a conexão entre caracteres anais e características como ordem (controle), parcimônia (avareza) e obstinação (ímpetos vingativos, domínio). A ligação simbólica entre analidade, sujeira e dinheiro é também enfocada no estudo.

⁷ O trabalho de Abraham pormenoriza os achados de Freud (além de outros autores que se ocupavam com o tema da analidade, como Sadger & Jones, citados por ele). No texto, as questões de controle e domínio aparecem como estreitamente vinculadas ao caráter anal. “Está estreitamente ligada a este orgulho a ideia de muitos neuróticos, pela primeira vez descrita por Sadger, de que devem fazer tudo eles próprios, porque ninguém mais poderá fazê-lo tão bem” (p. 179).

⁸ A complexidade do funcionamento do inconsciente é de que o Ego (ou o *self*) deve atender a duas necessidades ao mesmo tempo: o necessitar pulsional e o necessitar narcísico. Os dois muitas vezes se chocam, mas outras tantas ocasiões estão no mesmo sentido.

⁹ Grunberger antecede a Kohut na ideia de duas correntes libidinais, agindo dialeticamente no funcionamento humano. Seus trabalhos iniciais datam de 1956. O trabalho clássico de Kohut, *Formas e transformações do narcisismo*, foi publicado em 1966. Indica-se esses dois autores para o leitor interessado a respeito desse entendimento sobre a dialética de funcionamento entre narcisismo e pulsões.

A lógica representacional é similar àquela da transicionalidade de Winnicott (1970). A criança investiria narcisicamente o objeto excrementício enquanto parte de seu corpo, o que corresponde ao início do processo de investimento objetal a partir da libido narcisista.

A dinâmica dialética, em relação ao valor do objeto excrementício, daria origem à complexa consideração de fenômenos relacionais. Assim, humilhada pela dependência oral e atrelada à raiva por essa dependência, agora a criança pode salvar sua honra narcísica, projetando tudo o que é fonte de decepção narcisista, enquanto conserva em si tudo o que é fonte de prazer narcisicamente satisfatório. O objeto excrementício, assim, seria valor e satisfação (retenção) e, ao mesmo tempo, símbolo de tudo o que é agressivo e perigoso (projeção). Essa dicotomia produziria infinitas situações, em um jogo paradoxal de projeções e introjeções.

A característica mais importante da relação objetal anal residiria no controle da relação com o objeto, controle este que garante ao sujeito o restabelecimento da integridade narcisista colocada em xeque no estágio precedente (Grunberger, 1960). Enquanto que o oral buscaria a unicidade e a autonomia narcisista, o sujeito com caráter anal pronunciado tenderia a buscá-las por outros meios, fundamentalmente de controle e de domínio.

Esta situação comportaria a introdução de um fator energético qualitativo que coloca o anal *sobre* o objeto, ao qual a qualidade de sujeito é recusada, total ou parcialmente. Esta situação constitui o fundamento de um sentimento de segurança, muitas vezes manifesto por expressões verbais típicas (*cacoetes*) utilizadas de forma repetitiva nas trocas relacionais.

O essencial para o sujeito é ocupar, ante o objeto e ante a si mesmo, uma posição de superioridade, que ele tratará de salvaguardar a qualquer preço, tanto mais que ela representa, além da questão pulsional propriamente dita, uma referência narcisista positiva¹⁰ (Grunberger, 1960, p. 148).

A necessidade de manter intacta essa posição de superioridade se converteria, assim, em uma finalidade narcísica que ultrapassaria a questão pulsional em si. A característica essencial da relação anal estaria em priorizar a relação de forças com o objeto. O objetivo final, contido no inconsciente, seria o triunfo absoluto do sujeito sobre o objeto, o qual é atacado, gradualmente degradado e, finalmente, despojado de todas as suas qualidades de sujeito, transformando-se em uma massa anônima sem existência própria. O processo se assemelharia à digestão, fecalização e ejeção. A questão fica alicerçada em uma *trama intersubjetiva*, e as

¹⁰ Tradução livre.

concepções são divergentes daquelas apresentadas por outros autores psicanalíticos (inclusive André Green, com o qual se tentará dialogar adiante) que, notadamente influenciados pela obra freudiana, além dos aportes feitos por Melanie Klein, buscam a tendência de assentar a agressividade na pulsão de morte.

Ao citar os trabalhos de Grunberger, Chasseguet-Smirgel (1991) liga o extremo dessa situação ao sadismo de Sade e aos regimes totalitários, em especial ao nazismo. Para ela, o contrato sádico envolve uma submissão do objeto “à única lei que rege os processos que se desenrolam no interior do trato digestivo” (p. 196); o superego edipiano fica reduzido à lei das funções intestinais. E conforme destaca a autora, esta negação do sujeito é a própria essência do sadismo, em cuja base do triunfo sobre o outro encontra-se a manutenção de um sentimento de onipotência e a evitação da própria castração.

No indivíduo adulto, em várias situações contingenciais, a anialidade poderá conservar um caráter arcaico. São traços, por vezes, contrastantes com o restante do comportamento. Em muitas circunstâncias afetivas, não se trata de amar ou de ser amado, mas de dominar ou ser dominado.

A imagem fálica

Para Grunberger (1964), a imagem fálica vai aparecer nas relações humanas sob a forma negativa ou positiva, sempre usando os mais diferentes disfarces. O autor adverte que as manifestações subliminares que ocorrem na relação analítica (e nas relações em geral) superam a questão sexual propriamente dita, pois a imagem fálica procura dar conta da integridade narcísica. Ele também salienta o fato de que essa imagem ocupa um lugar privilegiado no inconsciente humano. Para o autor, ao se tratar de imagem fálica positiva, fala-se ao mesmo tempo (no negativo) em castração, sendo que os dois conceitos estão em constante e dialética relação.

O conceito de imagem fálica parece estar estreitamente vinculado ao conceito de *representação do self*, advindo de Kohut e da psicologia do *self*, em que a atividade mental é narcísica sempre que sua função for manter a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a tonalidade afetiva positiva da representação do *self* (Stolorow & Lachman, 1983) Assim, sendo a representação do *self* um sentimento contínuo e dialético, o sujeito humano sempre está se olhando, ou seja, o Ego está em constante visualização (e julgando) de como anda o *self*, no sentido, fundamentalmente, da calibragem da autoestima. Essa atividade é encontrada em qualquer entidade nosológica. A diferença em relação à Grunberger é que, para ele, os mecanismos anais (controle e domínio nas relações) são evocados como

atividades defensivas para a ilusão de um aumento da autoestima, ilusão esta proporcionada pela diminuição do outro na relação.

Para Grunberger (1964), os neuróticos, nos seus diversos níveis, são sujeitos que fracassaram nas possibilidades de restabelecimento narcísico nos distintos níveis de maturação pulsional.

A imagem fálica expressaria a integridade, sob todas as formas, enquanto que a castração representaria as dificuldades, de todas as ordens, para que o sujeito se constitua sob o estatuto da integridade. Desta forma, existe um paralelismo intrínseco entre a satisfação pulsional e o investimento narcísico, ou seja:

Cada satisfação pulsional possui, na verdade, dois aspectos: a satisfação pulsional propriamente dita, constituída pelo ato que procura fazer cessar a tensão e, além, o investimento narcísico do ato em si, constituindo-se, assim, uma referência do valor do ato que busca satisfazer o amor próprio do sujeito (p.195).¹¹

Dentro desta vinculação dialética narcisismo/pulsão, o próprio ato sexual cumpriria uma dupla missão: satisfazer a pulsão como pulsão, além de uma satisfação fusional de colorido narcísico (Grunberger, 1964, 1967). Então, dentro deste elo dialético, o falo se definirá pela completude realizada entre sujeito e objeto: “O bebê no seio percebe um estado de completude, graças à unidade que ele forma com sua mãe, quer dizer, na fusão do conteúdo e do continente” (Grunberger, 1964, p. 205).¹²

De acordo com Grunberger (1964), existem, no inconsciente, duas possibilidades relativas à imagem fálica: ou há um falo, ou há um falo castrado em diferentes graus. Não se trata de uma oposição entre existir ou não um falo. Ao contrário, tratam-se de duas presenças: de um falo e de um falo mutilado ou deteriorado, como já colocado, em diferentes graduações.

O falo para Grunberger (1964) circula no espaço da completude, como representante da grandeza, da onipotência, do inefável, criado à imagem e semelhança do estado contido na plenitude pré-natal: “O falo se definirá, então, como a completude realizada pela unidade conteúdo-contenente” (p. 205).¹³

Em tal contexto, as relações (humanas) dialéticas estabelecidas entre valorização-desvalorização pertencem ao interjogo entre controle e domínio

¹¹ Tradução livre.

¹² Tradução livre.

¹³ Tradução livre.

(caracteres anais) e a aquisição de imagem fálica positiva ou negativa (registros fállicos vinculados à castração).

Antes de se chegar às considerações finais, é importante destacar a contribuição de outro contemporâneo sobre o tema: André Green.

Uma breve comparação com o narcisismo em André Green

Qual a razão desse tópico aqui? O objetivo é uma breve introdução às ideias de André Green sobre o narcisismo, sem a pretensão, contudo, de dar conta das ideias do autor sobre o tema em questão, tamanha a envergadura de sua obra. Além disso, é evidente, pretende-se realizar uma análise comparativa com os aportes apresentados por Grunberger em relação ao assunto. Nem sempre é tarefa fácil comparar as elaborações de distintos autores, uma vez que os pressupostos básicos são diversos. Grunberger parte de uma busca a um estado elacional básico, o protótipo intrauterino, como pano de fundo dos horizontes humanos. Por sua vez, Green alia-se à concepção freudiana da dualidade pulsional a qual baliza todo o seu arcabouço teórico sobre o narcisismo.

Sem dúvida, Green é mais conhecido e mais citado do que Grunberger. Sua obra é difícil de apreender, pois existem mais de trinta livros do autor, e muitos conceitos aparecem várias ocasiões em locais distintos. Alguns autores contemporâneos o consideram um integrador autêntico da teoria pulsional e das relações objetais, com aportes que ampliaram significativamente o papel e a função do objeto (Calich, 2010). De outra forma, uma *breve* comparação com as ideias de Grunberger pode trazer luz às diferenças fundamentais de ambos os autores quanto ao entendimento do narcisismo e das defesas narcísicas. Diferenças capitais, *no nosso entendimento*, em termos da clínica contemporânea.

Como dito acima, as elaborações de Green (1988b, 2001; 2010a; 2007) estão atreladas à dualidade pulsional freudiana, a qual é a pedra fundamental dos seus aportes à teoria do narcisismo. Suas concepções indicam o narcisismo primário como um estado e não como uma estrutura: “a perspectiva que adotaremos colocará em questão uma certa concepção do narcisismo primário como simples etapa ou como estado do desenvolvimento psíquico” (Green, 1988b, p. 89).

No entendimento de Grunberger (1971) o narcisismo é tratado como uma instância (estrutura) sempre em busca de preenchimento, acontecendo durante todas as fases da vida. Neste sentido, a referência é o narcisismo primário, em interação com as aquisições superpostas ao longo do viver. Com um olhar sobre as questões anímicas pertencentes à atemporalidade do inconsciente, este autor

aventa a ideia que o fantasma de eternidade e de infinitude funda suas raízes em um estado cenestésico ligado à acronicidade da vida fetal. Infere, assim, que o fantasma narcisista de invulnerabilidade possa residir nesse mesmo alicerce ligado à vida intrauterina.

Uma rápida passada pelas ideias de Green permite-nos constatar que, de acordo com a evolução da teoria freudiana, o narcisismo foi sempre um entre parênteses. Considerando sempre a sexualidade como a constante indestronável em Freud, o narcisismo estaria entre as pulsões de autoconservação e as pulsões de morte, resultando de uma libidinização das pulsões destinadas à autoconservação (Green, 1988a).

Para Green, em termos históricos, a aquisição teórica sobre o narcisismo, com o texto clássico de Freud (1914), foi pertinente e esclarecedora para os analistas. No entanto, em seguida, a comunidade psicanalítica foi tomada de espanto com *Além do princípio do prazer* (1920) e a dualidade pulsional; assim, o narcisismo foi perdendo terreno na obra freudiana e, em seu lugar, entraram as questões teóricas relacionadas à pulsão de morte (Green, 1988a). “[...] há, portanto, uma articulação necessária a ser encontrada entre o narcisismo e a pulsão de morte, da qual Freud não se ocupou e que ele nos deixou para descobrir” (Green, 1988a, p. 12). Neste sentido, os conceitos *greenianos* de função desobjetalizante e narcisismo negativo são ímpares ao associar falhas objetais (notadamente primitivas) à expansão da pulsão de morte (Green, 2010a, b).

Em trabalho mais recente do que os supracitados, Green (2007) esclarece que, na sua concepção, Freud viu-se obrigado a escolher entre renunciar ao narcisismo ou propor uma mudança em seu *status* teórico. Assim, ao escolher a primeira posição, o que não o impediu de retornar ao conceito de vez em quando (embora sem aprofundar o alcance de sua significação), Freud opta pela dualidade pulsional. Para Green (2010b; 2007), nem Grunberger e nem Kohut (embora ele ressalte que ambos contribuíram com avanços substanciais) conseguiram o elo entre as duas posições, ou seja, “o que ocorre com a teoria do narcisismo em relação aos conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte que a sucedem”? (Green, 2010b, p. 54).¹⁴

Assim, as concepções de André Green sobre o narcisismo são distintas daquelas abordadas por Grunberger, certamente por estarem centradas na articulação do narcisismo com a pulsão de morte (Green, 1988a; 2010a, b). No entanto, isso não é tudo. Para nós, talvez o principal é o que vem agora. Embora Green fale de analidade e associe esta à agressividade, ele não liga esse conceito à castração dos objetos como modo de aumentar (ou ter a ilusão de aumentar) a própria potência ou imagem fálica (do sujeito). Seu enfoque está mais direcionado

¹⁴ Tradução livre.

às questões obsessivas enquanto vicissitudes da analidade. Nos escritos de Green, não há dúvidas de que a analidade aparece vinculada à agressividade, mas muito mais se trata da pulsão de morte associada às questões destrutivas (Green, 2001; 2010b).

Sobre sadismo anal, é possível ver na sua obra: “Controlar, reduzir a impotência, dominar aos outros, são marcas que assinalam mais uma analidade prevalente que uma rivalidade edípica” (Green, 2010b, p. 116).¹⁵ Contudo, Green não adentra nas questões da intersubjetividade, quando alguém utiliza deste mecanismo (anal) para reduzir o outro, em uma função ilusória de manter a própria honra narcísica. Na mesma obra (Green, 2010b), um pouco adiante (p. 124-141), quando examina a analidade primária (conceito dele), embora evoque conceitos como *poder*, *potência*, *obediência*, *orgulho*, surpreendentemente, na nossa concepção, o autor deixa a desejar na questão relacional, embora toda a sofisticação encontrada na sua construção literária.

De outra forma, André Green associa narcisismo e relação de objeto à ideia de que o agravamento de situações agressivas (certamente ele se refere às situações intersubjetivas) poderia trazer o pressuposto inconsciente de manter uma relação com um mau objeto interno, com uma lógica de que *se está ruim com ele, pior sem ele*, ou seja, uma defesa contra o vazio. Assim:

Em minha experiência, os retrocessos, as recrudescências agressivas, os periódicos colapsos sob progressos sensíveis atestam um desejo de manter a todo custo uma relação com um objeto mau. Quando o objeto mau perde seu poder, parece não existir outra solução que fazê-lo desaparecer, proceder a sua ressurreição sob a forma de um outro objeto mau que se parece ao precedente como um irmão, e com o qual o sujeito se identifica. Se trata menos da não destrutividade do objeto mau ou do desejo de assegurar-se por esse meio o controle sobre ele, que do medo de que seu desaparecimento deixe o sujeito ante o horror ao vazio, sem que nunca chegue o tempo para haver a sua substituição por um objeto bom, no entanto disponível. O objeto é mau, mas é bom que exista, se não existe como objeto bom (Green, 2001, p. 81).¹⁶

Considerações finais

Conforme explanado no tópico anterior, não é fácil comparar as concepções sobre o narcisismo entre autores com vértices tão distintos. Corre-se o risco

¹⁵ Tradução livre.

¹⁶ Tradução livre

de, *narcisicamente*, acabarmos em uma defesa (ou um ataque, dependendo do vértice) de ordem ideológica, ao mesmo tempo em que abdicamos de um olhar mais profundo.

As considerações que seguem abaixo estão mais enfocadas nas ideias de Béla Grunberger, somente e apenas porque esse autor foi, no decorrer do presente trabalho, o foco principal.

Buscamos, então, a caracterização do âmbito intersubjetivo, relacional. Alguns exemplos extraídos da vida real e de obras literárias e cinematográficas serão pontuados abaixo. No momento, deixaremos de lado exemplos clínicos, o que fica em aberto para um próximo projeto.

Situações das mais corriqueiras que permeiam as relações íntimas dizem respeito à importância intrínseca dos aspectos financeiros. É muito comum, por exemplo, nos vínculos conjugais, ou entre pais e filhos, ou entre sócios, um dos partícipes *jogar na cara* do outro (em geral do mais dependente) o quanto ele fornece de dinheiro e, mesmo assim, o retorno não é o esperado, o sujeito não alcança o que supostamente deveria fazer e estaria sempre devendo, etc. Circunstâncias com estes contornos, com as devidas peculiaridades, são frequentes na sociedade atual. Na própria matriz transferencial-contratransferencial produz-se o ensejo ao aparecimento dessas vertentes. É possível dizer que é aí mesmo que ele precisa aparecer, a fim de que o caráter possa ser analisado.

O dinheiro possui uma qualidade simbólica curiosa, pois parece agregar componentes anais e fálicos. Nos dias vigentes, pelas dificuldades concretas pertencentes ao campo da realidade, o enredo do qual está se falando torna-se extremamente complexo, pois os caracteres anais podem ficar potencializados pelas dificuldades inerentes à vida real. Dessa maneira, parece existir uma interação intrincada e difícil entre caracteres anais previamente existentes em um determinado sujeito versus a exacerbação desses mesmos caracteres pelas dificuldades intrínsecas aos tempos atuais.

Reafirma-se que o imprescindível para o caráter anal, em Grunberger, é ocupar, ante o objeto e ante si mesmo, uma posição de superioridade, garantindo assim uma ilusão de domínio, ainda que momentânea. Se a pessoa, artífice do drama em questão, estiver se sentindo *por baixo* (imagem fálica), a situação pode desembocar facilmente em maltratar os objetos atuais, em um movimento inconsciente e ilusório para tentar um aumento do próprio poder.

Outras dimensões que agregam narcisismo, analidade e imagem fálica podem ser vistas, às vezes, em episódios corriqueiros da vida e, também, em obras literárias e cinematográficas. Vejamos alguns exemplos.

Relembra-se, como demonstração, a situação real ocorrida em uma defesa

de dissertação de mestrado em uma universidade. A dissertação era sobre um tema em que as coisas estavam fluindo. As pessoas envolvidas estavam criando algo em conjunto. A palavra, então, foi dada a uma professora da banca examinadora, considerada uma espécie de papisa no assunto. Lembramos bem os requintes desta professora que, ao desmontar e triturar a exposição feita pela aluna, ao final de cada frase balbuciava uma espécie de cacoete verbal que parecia um rugido. Não deixamos de perceber que escorria pelo canto da sua boca um tipo de secreção, a qual era ocasionalmente limpa com um lenço. Recordamos o pensamento do quanto ela (a professora) sentia-se crescer (pelo ar triunfal) em cima da trituração da mestranda.

Desconhecedores ainda do vigoroso trabalho de Grunberger, fomos buscar a psicanálise (para tentar entender a necessidade de domínio verificada *in loco*), em especial no empreendimento voltado mais à nosologia sobre traços de caráter, consoante Bergeret (1988a): “[...] traços orais reativos que necessitam da constante presença de um rastilho de baba no canto dos lábios, significando ao mesmo tempo necessidade e prazer de morder o outro [...]” (p. 202).

Talvez, e apenas tratamos disso como hipótese, a professora necessitasse de uma reparação por algo, e essa necessidade poderia ser o colorido de um estado vivencial básico dela (Ogden, 1996). Agora, sem entrar no questionamento se seriam traços orais ou anais, as acepções contidas na obra de Grunberger promovem um sentido da lógica de funcionamento do inconsciente humano. A perspectiva pulsional é utilizada sempre para satisfazer a pulsão, apesar de, dialética e *intersubjetivamente*, ter como objetivo atender a completude narcísica do sujeito ou sanar as falhas nessa área. A grande questão é que tal lógica acaba por favorecer o isolamento de pessoas com esse caráter proeminente, em especial na intimidade relacional.

Não faltariam dramas intersubjetivos contidos em muitas obras literárias e cinematográficas para ilustrar essa dimensão narcisista anal e fálica nas vivências cotidianas. Servem de exemplo *Que tal reunião de família* (Luft, 1987) e *El túnel* (Sabato, 1948), livros em que os cenários (com outras montagens em cada um dos casos) não deixam de ter certo parentesco com o relatado acima, sobre a professora que utilizava recursos vinculados à analidade para elevar sua imagem fálica.

Podemos citar ainda o filme *Relatos selvagens* (2014), que bateu recordes de audiência e de tempo de exibição no nosso meio. Um dos motivos presumíveis para tanto é a aprimorada demonstração da convivência dialética entre a luta pulsional de dominar e, ao mesmo tempo, da necessidade de satisfação narcisista que aparece em cada sujeito. Em todas as seis antologias apresentadas nesse filme, esse jogo dialético entre as correntes pulsionais e narcísicas acaba por se destacar. Dito de

outra forma, os movimentos pulsionais objetivariam não apenas diminuir as tensões internas, mas, também, e ao mesmo tempo, satisfazer (talvez ilusoriamente) as dimensões das buscas de completude narcísica de cada um. Ou seja, o permanente embate dos personagens trava-se em torno de competir e ganhar.

Outro drama literário exemplar, embora pesado demais, que se transformou em um clássico do cinema deste início do século XXI, é *Os homens que não amavam as mulheres* (Larsson, 2008). Nesta obra, faz-se visível a ligação dos conteúdos caracterológicos anais (controle e domínio) com a ideologia nazista, na qual submeter e se apossar do corpo de outro sujeito (condição básica de um sadismo psicopático) é uma perspectiva do viver que se esconde atrás de uma vida aparentemente *limpa*.

Há uma abstração, na dimensão anal, de que a castração, ou melhor, a graduação maior ou menor da castração do objeto adquire importância (maior ou menor) para o sujeito. A lógica de controle e domínio, com o sentido de manter a salvo a honra narcísica (do sujeito) e, ao mesmo tempo, incrementar a sua imagem fálica estão presentes no âmago relacional. A questão que se coloca como fundamental é que, para a ocorrência dessa relação de forças, na maioria das vezes, o funcionamento do sujeito precisa ser sintônico, isto é, inerente ao caráter.

À primeira vista, parecem constatações simples. No entanto, achamos que não são. Além disso, as situações descritas permeiam de forma abundante o nosso cotidiano relacional. Desta maneira, o estudo aprofundado das contribuições de autores que investigam o narcisismo pode ser um auxiliar fecundo para a nossa tarefa analítica. Não há dúvida de que modificações, desde que autênticas, dos traços de caráter enfocados neste trabalho podem se constituir em sólido benefício para aquilo que se concebe por viver criativamente e com consideração por outro ser humano. □

Abstract

Narcissism, anality and phallic image in daily relationships

This paper presents Béla Grunberger's contributions on the topics of anality and phallic image, which are hidden traits implicitly connected to intersubjectivity. According to the author, control, power and domination lie within that sphere. He considers that the advent of the anal stage in the young child leads to greater independence and a possible inversion of feelings of inferiority associated to the intrinsic oral-related dependence. For Grunberger, the anal component forms the basis of the drive movements. Narcissistic needs of superiority may be converted

into ends that overtake the drive issue. Prioritizing the relation of forces with the object is at the core of the anal character and, therefore, also of the phallic image. The latter is related to feelings of integrity and, for Grunberger, can be grounded on the castration of objects, in illusionary representations of increasing power. The positive phallic image expresses plenitude, while castration demonstrates the opposite. The dialectic interrelations between valuing, devaluing and acquiring a positive or negative phallic image are part of the game between control and domination (anal characters) and phallic traits linked to castration. A brief comparison with Green is carried out and, in the end, the author presents some scenarios through examples taken from literature and cinema.

Keywords: Grunberger; narcissism; anality; phallic image; control; domination

Resumen

Narcisismo, analidad e imagen fálica en las relaciones cotidianas

En este trabajo se procura mostrar las contribuciones de Béla Grunberger en el territorio de la analidad y de la imagen fálica, registros ocultos que se relacionan de modo implícito a la intersubjetividad. De acuerdo con el autor, el control, el poder y el dominio pertenecen a esa esfera. Para él, el advenimiento de la fase anal, en los niños pequeños, promueve un avance en la independencia que, a su vez, puede dar lugar a la reversión de sentimientos de inferioridad asociados a la dependencia intrínseca a la oralidad. Para Grunberger, en la base de los movimientos pulsionales estaría el componente anal. Necesidades narcisistas, de superioridad, pueden convertirse en finalidades que trascienden la cuestión pulsional. Priorizar la relación de fuerzas con el objeto estaría en la base del carácter anal y, por ende, también de la imagen fálica. Esta se relaciona a sentimientos de integridad y, para Grunberger, puede estar sostenida sobre la castración de los objetos, en representaciones ilusorias de aumento de poder. La imagen fálica positiva expresaría plenitud, mientras la castración demostraría lo opuesto. Las interrelaciones dialécticas entre valorización y desvalorización y adquisición de imagen fálica positiva o negativa pertenecen al juego entre control y dominio (caracteres anales) y registros fállicos vinculados a la castración. En este artículo, se realiza, además, una breve comparación con Green. Al final del trabajo, a fin de ilustrar algunos cuadros posibles, se presentan ejemplos literarios y cinematográficos.

Palabras clave: Grunberger; narcisismo; analidad; imagen fálica; control; dominio

Referências

- Abraham, K. (1921). Contribuições à teoria do caráter anal. In *Teoria psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro: Imago: 1970.
- Bergeret, J. (1988). Os traços de caráter. In *Personalidade normal e patológica*, (Cap. 6). Porto Alegre: Artmed.
- Calich, J. C. (2010). Apresentação à edição brasileira. In A. Green, *O trabalho do negativo* (pp. ix-xii). Porto Alegre: Artmed.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1991). *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1908). Caráter e erotismo anal. In *Obras psicológicas completas*, (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- Freud, S. (1914). Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. In *Obras completas*, (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, (Vol. 18, pp. 12-85). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Galeano, E. (2010). *El libro de los abrazos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.
- Green, A. (1988a). Prefácio – O narcisismo e a psicanálise: ontem e hoje. In *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, (pp. 9-29). São Paulo: Escuta.
- Green, A. (1988b). Narcisismo primário: estrutura ou estado? In *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (pp. 87-142). São Paulo: Escuta.
- Green, A. (2001). El analista, la simbolización y la ausencia en el enquadre analítico. In *De locuras privadas* (pp. 48-87). Buenos Aires: Amorrurtu.
- Green, A. (2007). El andamiaje ocultable del narcisismo. In *Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* (pp. 53-63). Buenos Aires, Amorrurtu, 2014.
- Green, A. (2010a). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.
- Green, A. (2010b). La analidad primaria – *Relaciones con la organización obsesiva*. In *El pensamiento clínico* (pp. 107-141). Buenos Aires: Amorrurtu.
- Grunberger, B. (1960). Estudio sobre la relacion anal-objetal. In *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb, 1979b.
- Grunberger, B. (1964). De la imagen fálica. In *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb, 1979c.
- Grunberger, B. (1967). El Edipo y el narcisismo. In *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb, 1979d.
- Grunberger, B. (1971). Introduccion. In *El narcisismo*. Buenos Aires: Trieb, 1979a.
- Kohut, H. (1966). Formas e transformações do narcisismo. In P. Ornstein, (Org.). *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- Kohut, H. (1984). *Self e narcisismo*. São Paulo: Imago.
- Larsson, S. (2008). *Os homens que não amavam as mulheres*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Luft, L. (1987). *Reunião de família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Marillion. (1995). Beautiful. On *afraid of sunlight* [CD]. Londres: EMI Records.
- Ogden, T. H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Sabato, E. (1948). *El túnel*. 3. ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2007.
- Stolorow, R. & Lachmann, F. N. (1983). *Psicanálise das paradas do desenvolvimento: teoria e tratamento*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1970). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 13/10/2016

Aceito em 21/06/2017

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Vânia Dalcin**

Carlos Marcirio Naumann Machado

Rua Faria Santos, 47/403

90670-150 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: cmn.machado@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA